



**Encontro da Sociedade  
Brasileira de Economia  
Ecológica**

Brasília, 4 a 8 de Outubro de 2011

**Políticas Públicas e a Perspectiva da Economia Ecológica**

**IX ENCONTRO NACIONAL DA ECOECO**  
Outubro de 2011  
Brasília - DF - Brasil

---

**CONSIDERAÇÕES SOBRE DESASTRES SÓCIO-AMBIENTAIS NO VALE DO ITAJAÍ-SC EM 2008**

**Marcos Aurélio Espíndola** (UFSC) - marcredriver@gmail.com

*Historiador, Mestre e Doutor em Geografia Humana e Pós-doutorando do Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina*

**Eunice Sueli Nodari** (UFSC) - eunice@cfh.ufsc.br

*Professora Doutora do Programa de Pós-graduação em História e do Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina*

**Alfredo Ricardo Silva Lopes** (UFSC) - alfredorsl@gmail.com

*Historiador, Mestre em História e doutorando do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina*

# Considerações sobre desastres sócio-ambientais no Vale do Itajaí-SC em 2008

**Eixo temático: (C) Mudanças Climáticas - Impactos locais, nacionais e globais, desastres naturais e sua quantificação**

Se antes a Natureza podia criar o medo, hoje é o medo que cria uma Natureza mediática e falsa, uma parte da Natureza sendo apresentada como se fosse o todo.

**Milton Santos**

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo analisar a midiática dos desastres ambientais ocorrido na Bacia Hidrográfica do Vale do Itajaí, Santa Catarina em novembro de 2008. Através da História Ambiental e se apropriando do conceito de Sociedade de Risco foram avaliadas as fontes sobre o desastre contidas no sítio da Defesa Civil de Santa Catarina. O ponto central dessa problematização está na produção de uma memória sobre a espetacularização dos desastres e da representação dos acontecimentos como estritamente natural, sem levar em consideração os fatores de origem antrópica.

**Palavras-chave:** Desastres; História Ambiental; Mídia; Vale do Itajaí.

**Abstract:** This article aims to analyze the media coverage of environmental disasters occurred in November of 2008 at the Basin of the Itajaí Valley in the State of Santa Catarina, Brazil. Through Environmental History and appropriation of the concept of Risk Society were evaluated the documents about the disasters, posted in the site of the Civil Defense of the State of Santa Catarina. The main issue of this discussion is a questioning of a production of a memoir about the spectacle of the disasters and the representation of the events as a strictly natural, without taking into consideration the factors of anthropic origin.

**Keywords:** Disasters; Environmental History; Media; Itajaí Valley

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho analisa a midiática dos acontecimentos no Vale do Itajaí, no Estado de Santa Catarina em 2008 com base no conceito de risco desenvolvido por Ulrich Beck (2010). Nesse caminho a História Ambiental surge como uma metodologia capaz de problematizar as relações entre seres humanos e ambiente, pois segundo

Worster (2003, p. 27), as ideias são as mais eficientes ferramentas ecológicas, é por meio das significações sobre o ambiente que os seres humanos interagem com o meio.

## METODOLOGIA E INFORMAÇÕES

Inicialmente cabe salientar que para a História Ambiental o meio onde os indivíduos estão inseridos não é apenas o cenário de uma peça chamada história da humanidade, o ambiente além de cenário é também ator, à medida que condiciona e é condicionado pelas ações humanas. Esta forma de analisar o mundo natural surgiu na década de 1970, com os movimentos ambientalistas, um momento em que as ações humanas sobre o planeta foram vistas como capazes de inviabilizar a própria existência da raça humana. Segundo Donald Worster,

[...] a história ambiental nasceu, portanto de um objetivo moral, tendo por trás fortes compromissos políticos, mas, à medida que amadureceu, transformou-se também num empreendimento acadêmico que não tinha simples ou única agenda moral ou política para promover. Seu objetivo principal se tornou aprofundar o nosso entendimento de como os seres humanos foram, através dos tempos, afetados pelo seu ambiente natural e, inversamente, como eles afetaram esse ambiente e com que resultados (WORSTER, 1991, p. 200).

Desta forma, a natureza deve ser avaliada como uma criação da mente humana, não vendo o *homo sapiens* como demiurgo ou entidade supranatural, mas salientado que ela, a natureza, é uma ordem e um processo que não foi criado pelo homem, e continuará a existir mesmo na ausência deste.

As redes de significados criados para representar a natureza vêm de valores culturais, estes leques de percepções e ideias variadas emergem de interações e alterações possibilitadas pelo ambiente e pelas estruturas culturais. Imprescindível no trabalho do historiador ambiental é averiguar como as ideias sobre o mundo natural são socialmente formadas e como a constituição dessa forma de perceber o mundo natural propicia, ou não, alterações no ambiente.

Como já foi salientado anteriormente, teorias isoladas não dão conta de uma análise que abarque variáveis de distintas origens. A História Ambiental, na medida em que tenta redefinir a investigação do passado humano vem retirando subsídios de diferentes disciplinas, a fim de desvendar e representar o papel dos diferentes campos de

pesquisa dentro da reconstituição de um passado. As relações e as transformações no conceito de natureza são evidenciadas pelo antropólogo Edmund Leach, no verbete da Enciclopédia Einaudi “Natureza/Cultura”, onde salienta as diferentes formas de relacionar as idéias de natureza baseadas nas transformações culturais da antiguidade clássica à visão pós-moderna de subjetivas naturezas. Fica claro na sua argumentação que através dos processos mentais realizados pelo homem é possível se construir os modelos de natureza que se agrupam dentro da categoria de cultura, e de renovar continuamente estes modelos (LEACH, 1984, p. 97).

Em grande medida, os seres humanos se consideram uma espécie superior as demais do planeta, essa supra-naturalidade (WORSTER, 1991) deriva da crença contida em diversas culturas de que o homem por ser possuidor de cultura deve/pode direcionar majoritariamente os recursos naturais para a manutenção da sua espécie.

A aplicabilidade desse artigo se justificada pela busca das percepções individuais e coletivas do mundo natural, uma vez que o desastre ambiental irrompe a pretensa supra-naturalidade (WORSTER, 1991) comum na percepção dicotômica que os seres humanos têm da relação natureza/homem. Deve ser ressaltado que a História Ambiental é por essência interdisciplinar, pois tem no cerne de sua percepção o entendimento do funcionamento do mundo natural, e a natureza, por sua vez, possui uma forma sistêmica de inter-relação.

Ao buscar esses significados de natureza o historiador ambiental deve analisar ainda como essas ideias são socialmente construídas. Neste estudo é utilizado o conceito de Sociedade de Risco (BECK, 2010) para perceber como foi propagandeada a concepção de risco pela Defesa Civil de Santa Catarina após os desastres ambientais no último bimestre de 2008 no Vale do Itajaí.

Antes de pormenorizar a discussão metodológica, se faz necessário definir o termo desastres ambientais. A definição de desastres traduziu-se numa caminhada antropocêntrica, pois só eram evidenciados os desastres à medida que fenômenos naturais severos ocorriam nos locais onde os seres humanos viviam, resultando em danos (materiais e humanos) e prejuízos (sócio-econômicos) (KOBAYAMA, et al., 2006). Com o crescente debate no meio científico e uma percepção menos antropocêntrica dos eventos extremos, a palavra desastres foi definida como resultado

de eventos adversos, naturais ou provocados pelo homem, sobre um ecossistema, causando danos humanos, materiais e/ou ambientais, e prejuízos de diversas formas (CASTRO, 1998).

## RESULTADOS PARCIAIS

Os eventos ocorridos na região estudada não podem ser chamados de desastres naturais por um motivo simples e claro, as variáveis contidas nessa "equação" não são por essência derivadas exclusivamente do mundo natural. A denominação "desastres ambientais" tem fundamento à medida que os eventos tenham ocorrido com base na interação seres humanos/natureza.

A visualização do meio é imprescindível para o melhor entendimento do ocorrido na Bacia Hidrográfica do Rio Itajaí.

A bacia do Itajaí tem, como limites geográficos, os estabelecidos pelas Serra Geral e Serra dos Espigões a oeste, das serras da Boa Vista, dos Faxinais e do Tijucas ao sul, e das serras da Moema e do Jaraguá ao norte. O relevo da bacia do Itajaí indica grande complexidade geocológica, susceptibilidade à dinâmica dos processos erosivos e fragilidade ambiental. Nessa bacia vivem atualmente cerca de 1.150.000 pessoas, distribuídas em 49 municípios (FRANK e SEVEGNANI, orgs., 2009, p. 24 ).

A Bacia Hidrográfica do Rio Itajaí-açu é formada pela junção dos rios Itajaí do Oeste e Itajaí do Sul, no município de Rio do Sul; tendo como seus principais afluentes o rio Itajaí do Norte (Ibirama), o rio Benedito (Indaial); o rio Luis Alves (Ilhota) e o rio Itajaí Mirim (Itajaí), chegando na bacia estuarina a 9 km da barra.

A posição geográfica do vale do Itajaí deve ser levada em consideração para entender a entrada dos ventos de sudeste e nordeste, o que privilegia a entrada de umidade, proveniente do oceano, em direção ao continente. Vale ressaltar que o Vale é dependente da condição climática quente e úmida, a qual favorece densas precipitações, concentradas nas estações da primavera e do verão.

A Paisagem do Vale do Itajaí resulta de uma gama de interações de caráter geológico e climático que moldaram as

[...] encostas muito inclinadas, extremamente dobradas, freqüentemente entalhadas em forma de 'V' fechado e geralmente associadas a pequenas e estreitas várzeas em torno de ribeirões e rios, sujeitas às inundações freqüentes. Na paisagem constata-se a presença

de morros entremeio às planícies próximas ao oceano Atlântico, em Navegantes e Itajaí, tornando-se mais numerosos em direção a Luis Alves, Ilhota, Gaspar, Blumenau, Brusque e a outros municípios, gerando a bucólica paisagem do verde vale do Itajaí (FRANK e SEVEGNANI, orgs., 2009, p. 28).

Conhecer as características das encostas é de vital importância, pois, assim pode-se quantificar o fluxo do escoamento das precipitações e antever possibilidades das trajetórias dos deslizamentos e corridas de lama e detritos.

As transformações na paisagem também devem ser entendidas como fontes históricas. A cobertura vegetal foi transformada em virtude das condições climáticas e da ocupação humana, cabe destacar que o Vale do Itajaí possuía uma cobertura de Floresta Ombrófila Densa (FOD) ou Floresta Pluvial Atlântica. A intensa exploração dos recursos vegetais oriundos da floresta foi responsável pela transformação da paisagem, que desconsiderava a propensão do ambiente sem respeitar as limitações sociometabólicas.

Torna-se imprescindível considerar o modelo de ocupação territorial a fim de evidenciar como o mesmo contribuiu, em muito, para a ocorrência dos desastres de 2008. A imigração de europeus foi marcada pela utilização dos rios e córregos para o escoamento dos produtos produzidos nas colônias. Neste contexto, para o estabelecimento dos grupos era essencial a proximidade com algum curso d'água.

No caso do Vale do Itajaí, já havia habitantes antes da chegada dos europeus, as populações nativas Xokleng ocupavam sazonalmente a região, por se tratar de um grupo extrativista, deslocavam-se conforme as estações do ano e a oferta de alimento. Às margens do rio Itajaí-açu não haviam indígenas fixados, o que, provavelmente, direcionou a ocupação territorial, pois o embate com os nativos não era vantajoso para os colonos.

De certo modo os desastres foram tragédias anunciadas em função da ocupação irregular das áreas de risco. O evento das fortes chuvas é natural, mas os desastres foram socialmente construídos. O número de mortos foi de 106.<sup>1</sup> Os acontecimentos de novembro de 2008 foram irregulares tanto pela intensidade sem precedentes da

---

<sup>1</sup> Dados disponíveis no sítio [www.desastres.sc.gov.br](http://www.desastres.sc.gov.br), acesso em 17 de março de 2011.

precipitação, pela conjugação de enchente com enxurrada, quanto pela suspensão dos serviços públicos de abastecimento de água e energia.

A catástrofe de 2008 deve ser vista como uma equação, em que foram somadas diferentes variáveis. A singular geologia, a pujante e prolongada precipitação atmosférica, a topografia acidentada e a ocupação desordenada produziram como resultado um acontecimento único que não pode ser comparado às demais enchentes que tem ocorrido na região desde o início do seu processo de ocupação.<sup>2</sup> Nas Figuras 1 e 2 percebe-se a relação entre a ocupação territorial e a extensão dos desastres.



Figura 1: Enxurrada de 2008. Blumenau  
Fonte: Foto de Marcelo Martins.

---

<sup>2</sup> Foram registradas 68 enchentes em Blumenau num período de 158 anos, conforme Frank e Sevegnani, orgs., 2009, p. 15.



Figura 2 - Ocupação de Áreas de Ri(s)co - Blumenau.  
Fonte: Curso de Arquitetura e Urbanismo - FURB, 2002.

Com base nas explicações anteriores torna-se pertinente debater o conceito de risco na sociedade. Ulrich Beck em *Sociedade de Risco* (2010) desenvolve o argumento que o risco se fez presente em todos os setores da atual sociedade globalizada. Beck define a sociedade de risco como aquela onde a aceitação dos riscos é essencial e anterior a produção de riqueza, diferente do modelo social industrial onde o risco surgia como consequência da produção de riqueza. Na sociedade de risco a incerteza ofusca até mesmo o "progresso" científico-tecnológico, "eles (os riscos) já não podem mais ser limitados geograficamente ou em função de grupos específicos" (BECK, 2010, p. 16).

A universalização do risco, definida por Beck, precisa ser relacionada ao momento em que o sociólogo produz sua obra, o livro foi publicado inicialmente em 1986, logo após o acidente nuclear de Chernobyl. Nesse contexto, o debate sobre a questão energética e a possível guerra nuclear de proporções globais marcaram a noção de risco de Beck.

A percepção da extensão e distribuição tanto do risco quanto do desastre amadureceu nas últimas duas décadas (1990-2010). O conhecimento do risco passou a se relacionar com toda uma série de desastres (naturais, ambientais, tecnológicos), as consequências desses eventos extremos também foram investigadas. Em "O Ecologismo dos Pobres" Joan Martínez Alier discute a questão distributiva dos conflitos ecológicos, enfatizando que a Economia Ecológica passou a levar em consideração não apenas os

termos monetários, mas também os naturais, os físicos e os sociais (2007, p. 47). Desta forma, cada vez mais, é importante perceber que o impacto dos desastres nos locais denominados como de risco, na maioria das ocorrências, resulta de uma prática de segregação espacial. Sendo assim, os locais mais acessíveis às populações de baixa renda logicamente são aqueles com menor custo de moradia e manutenção. Na região em questão a solução para a população de baixa renda foi procurar os locais mais altos para, assim, fugir do raio de ação das constantes enchentes.

Como fontes para a produção desse trabalho historiográfico foram utilizadas as publicações feitas pela Defesa Civil de Santa Catarina através de sua assessoria de imprensa.<sup>3</sup> O objeto foi escolhido em virtude dessas publicações possuírem a chancela institucional do órgão público e, dessa forma, por estarem tolhidos pela intencionalidade da instituição. A relação de notícias contida no sítio quando percebidas como fontes históricas possuem um caráter duplo, da mesma forma que possuem a particularidades de narrativas midiáticas, também constituem uma arquivo documental. Portanto, para a análise desse material são necessárias problematizações que levam em conta o hibridismo da fonte.

A intencionalidade do discurso midiático torna necessário uma teorização do papel da mídia para compreender a produção de uma memória sobre o desastre.

A mediação interessada, tantas vezes interesseira, da mídia, conduz, não raro, à doutorização da linguagem, necessária para ampliar o seu crédito, e à falsidade do discurso, destinado a empobrecer o entendimento. O discurso do meio ambiente é carregado dessas tintas, exagerando certos aspectos em detrimento de outros, mas, sobretudo, mutilando o conjunto (SANTOS, 1992, s/p).

Ao verificar as situações de conflito envolvidas nos desastres ambientais, deve-se observar o fundamental papel da mídia na legitimação e reprodução do exercício do poder.

Numa sociedade concebida como espetáculo (DEBORD, 1997), a informação estabeleceu-se sob a lógica e os objetivos do mercado.

---

<sup>3</sup> Ver sítio: [www.desastre.sc.gov.br](http://www.desastre.sc.gov.br).

A informação veiculada é sempre aquela que gera maior valor, seja monetariamente, seja em dividendos políticos, econômicos, ideológicos ou simbólicos, para aqueles que se interessam em que uma determinada notícia se torne a verdade da vez, tanto para as grandes corporações internacionais, para os financistas ou para as elites locais/regionais e nacionais. A mídia racionaliza o fato sob o ponto de vista hegemônico, retalha e higieniza os acontecimentos e os processos, até torná-los fins em si fragmentários e descartáveis, descartando a crítica.

A mídia é hoje o quarto maior segmento econômico legal do mercado mundial, sobrepujada apenas pela indústria petroquímica, pela indústria bélica e pela indústria aeroespacial. Mantendo-se seu atual coeficiente de crescimento em relação a estes segmentos, é provável que, dentro de cerca de 15 anos, ela se torne o setor mais importante da economia. Não fora apenas isto, será também, provavelmente, um dos maiores poderes sociais. Terá, assim, um poder de conduzir políticas, dominar, legitimar, formar e criar opinião pública hoje inimaginável.

A ação da mídia em geral diante dos desastres ambientais tende a direcionar a percepção dos acontecimentos em favor dos interesses dos grupos hegemônicos. Não se trata apenas de um veículo sob controle dos poderes dominantes que de outra forma poderia prestar serviços à conscientização da sociedade. São as próprias características fundamentais do discurso midiático que contribuem para a disciplinarização dos corpos e infantilização das mentes da maioria da população sob a lógica do espetáculo (DEBORD, 1997).

O discurso, a escritura jornalística, é cada vez mais simples, utilizando um número de palavras muito limitado. Desta maneira, adestram-se as subjetividades às necessidades dos poderes hegemônicos. A informação deve ser simples porque tem que ser consumida rapidamente para servir como geradora de valor para seus proprietários, as agências que controlam a divulgação das notícias e os empresários locais da mídia associados que formam o oligopólio da notícia.

As informações são colocadas em tabula rasa. Seja qual for o seu valor, se tentará passá-la em um espaço muito curto, de preferência estandardizado. Além de se expressar com palavras muito simples, o veículo *mass-media* o fará em frases muito

curtas, o que facilita o silogismo, o raciocínio dualista e a conseqüente infantilização das subjetividades (DEBORD, 1997).

A mídia constrói um mundo unívoco onde "não há propriamente interlocutores, porque só existe comunicação unilateral. Não há diálogo, porque as palavras nos são ditas e as respostas previamente catalogadas" (SANTOS, 1992, s/p).

A difusão, midiaticamente induzida, do medo e/ou fantasia assume uma posição de permanência e generalização nesta sociedade onde o espetáculo transmutou-se em realidade e a realidade em virtualidade. A fantasia, agora industrializada,

[...] invade todos os momentos e todos os recantos da existência a serviço do mercado e do poder, constituindo-se, juntamente com o medo, num dado essencial de nosso modelo de vida. O império universal do medo e o império universal da fantasia são criações sobrepostas (SANTOS, 1992, s/p.).

A mídia apresenta-se como uma técnica que, como tantas outras técnicas do ambiente, conduz o ser social em vez de servi-lo, como ocorria na relação homem-natureza no passado. A fim de melhor compreender a produção de significado sobre os desastres que a mídia se propõe torna-se prudente utilizar as noções de memória e identidade. Tais conceitos podem ser compreendidos como a partilha por um grupo de uma forma de pensar e/ou definir uma conjuntura ou acontecimento. Desta forma, será utilizado o conceito de memória defendido pelo historiador Jacques Le Goff,

[...] a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças as quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (LE GOFF, 2003, p. 419).

Le Goff ainda veicula as sobreposições não hierárquicas entre a memória individual e a memória coletiva como essenciais à formação, do que se convencionou chamar, identidade, cuja busca é uma afinidade dos indivíduos na sociedade de hoje. Pode-se afirmar que o processo de construção de identidade se fundamenta sempre numa interpretação particular do espaço. Conforme Pierre Claval,

[...] as identidades se associam ao espaço: elas se baseiam nas lembranças divididas, nos lugares visitados por todos, nos monumentos que refrescam a memória dos grandes momentos do passado, dos símbolos gravados nas pedras das esculturas ou nas inscrições. A territorialidade se transformou em

um dos componentes mais importantes das novas orientações do mundo social e político (CLAVAL, 1997, p. 107).

O processo de identificação é um processo de construção de imagens, por isso terreno propício a manipulações; assim, “é importante ter sempre presente que as tradições não se constituem por obra da natureza, mas por ação humana” (MENEZES, 1987, p. 184).

No caso dos desastres no Vale do Itajaí em 2008 percebe-se que há uma preocupação em quantificar dados para dimensionar de forma “trágica” o evento, ao mesmo tempo, em que se constrói uma memória. Percebe-se nas notícias a preocupação com a infraestrutura danificada, “os danos ainda são incalculáveis”; “as indústrias, a agropecuária, as pequenas e microempresas, o comércio, os abastecimentos de água, luz e gás também foram prejudicados”; com a perda da receita com o turismo, já que se trata de uma região com grande potencial turístico ou com os prejuízos causados à economia.<sup>4</sup> Em outra manchete: “Governador e vice entregam medalhas de mérito a entidades que auxiliaram no desastre de 2008”. Verifica-se, neste caso, tanto o caráter dos desastres como espetáculo no auxílio à construção de uma memória do evento, bem como, de uma identitização, já que nesta solenidade, a “cerimônia”, realizada no Teatro Pedro Ivo, junto ao Palácio do Governo, também marcou o lançamento do Livro: “Relatos de Um Desastre - Narrativas Jornalísticas da Tragédia de 2008 em Santa Catarina, organizado pelo órgão estadual em parceria com o Centro de Estudos e Pesquisas sobre Desastres, da Universidade Federal de Santa Catarina”. Na oportunidade uma frase do então governador do Estado, Luiz Henrique, marcou a espetacularização de forma a garantir que eventos drásticos teriam um caráter preventivo por parte das autoridades: “Estamos trabalhando com prevenção, para nos tornarmos menos vulneráveis a esses fenômenos climáticos”.<sup>5</sup> A idéia que passa o então governador é que esses “fenômenos climáticos” são eventos naturais destrutivos e trágicos, e diante deles o ser humano nada pode fazer, pois diante das forças da natureza nada há o que se fazer.

---

<sup>4</sup> Santa Catarina relembra um ano da maior tragédia do Estado, (14 de Janeiro de 2010).

<sup>5</sup> Governador e vice entregam medalhas de mérito a entidades que auxiliaram no desastre de 2008, (14 de Janeiro de 2010).

Em outra notícia consta-se o caráter identitário de auto-suficiência que o governo pretende difundir. Em meio às informações sobre repasse de verbas a produtores que sofreram perdas com animais afogados, a matéria salienta a dinamicidade de um “Estado moderno” através da brincagem eletrônica de todo o gado no estado de Santa Catarina, com vistas a competir no mercado internacional. Além disso, o governo utiliza-se da “tragédia” de 2008 para tentar transformar “parte da dívida que os Estados têm com a União em investimentos”, já que, nas palavras do próprio governado “o Estado é o grande indutor e animador do processo de geração de empregos”.<sup>6</sup>

A noção de risco é constantemente abordada pelas publicações da Defesa Civil, entretanto a forte noção de incerteza sobre o espaço em questão só pode ser construída em virtude de uma observação *a posteriori*. Na sociedade atual, conforme as considerações de Beck (2010) existem uma onipresença do risco que não pode ser contestada. Nas fontes analisadas percebe-se a incerteza como algo quase inadmissível, que deve buscar ser erradicada.

Na matéria de 29 de novembro de 2008, “Polícias Civil e Militar aumentam controle sobre áreas de risco em Itajaí” fica evidente que as “respostas ao desastre” são implementadas em caráter de urgência. Primeiro para restabelecer os serviços prestados pelo Estado e, segundo, para que a sociedade compreenda que o risco (de qualquer natureza) está sobre controle.

As ações compreendem policiamento nos abrigos e alojamentos, além de intensificar o policiamento ostensivo nas áreas de risco em toda a cidade e nos estabelecimentos comerciais.

Cerca de oito policiais civis são responsáveis pela escolta diária dos mantimentos aos abrigos. "Só nesta quinta-feira (27/11/2008) já realizamos 28 entregas", afirma o delegado. Os policiais militares estão distribuídos em todos os pontos de coleta para dar apoio durante a entrega. Conforme o Tenente Coronel, Carlos Alberto Mafra, a cavalaria do Batalhão composta por 40 homens também realiza rondas ostensivas por toda a cidade.<sup>7</sup>

A noção do risco excede a questão ambiental nesta notícia, o risco da desordem se propaga à medida que as condições de subsistência são afetadas pelo desastre, essa

---

<sup>6</sup> Luiz Henrique propõe a Lula transformação de parte da dívida com a União em investimentos, (11 de Dezembro de 2008).

<sup>7</sup> Polícias Civil e Militar aumentam controle sobre áreas de risco em Itajaí, (29 de novembro de 2008).

compreensão também está inscrita em uma série de matérias, como por exemplo, as que tratam da qualidade dos alimentos que ficaram expostos ou entraram em contato com as águas da enchente ou da chuva.<sup>8</sup>

No tocante a gestão dos riscos, sejam ambientais, industriais, econômicos (na verdade, sociais), traduzem as escolhas políticas e as decisões finais de organização dos territórios, como no caso da matéria de 30 de novembro de 2008, quando é defendida e explicada a necessidade dos produtores rurais enterrarem imediatamente os animais mortos com a enchente.<sup>9</sup> A notícia enfatiza ainda os aspectos econômicos da medida, destacando o prejuízo com o gado.

A pretensa supra-naturalidade<sup>10</sup> da espécie humana que Donald Worster (1991) tanto enfatiza, ao produzir as diretrizes básicas da História Ambiental, cai por terra quando se analisa de forma mais pormenorizada as ações da Defesa Civil em Santa Catarina.

Itajaí (28/11/2008) - Desde a última segunda-feira (24), o gabinete do vice-governador Leonel Pavan funciona em regime extraordinário, no Centro de Eventos de Itajaí, conhecido como o Parque da Marejada, em Itajaí. O atendimento é realizado em conjunto com a Secretaria de Desenvolvimento Regional de Itajaí. As equipes, mais voluntários requisitados entre a comunidade, uniram-se para trabalhar na recepção e distribuição de alimentos e demais donativos que chegam ao local para os desabrigados das enchentes da região.

“Nossa prioridade é a distribuição de água, alimentos e colchões. Felizmente, a solidariedade das pessoas e empresas é muito grande. Mais voluntários, principalmente à noite, são bem vindos”, diz Leonel Pavan, que também tem ajudado a descarregar caminhões quando o movimento aperta.<sup>11</sup>

Através do desastre a natureza rompe essa supra-naturalidade que os seres humanos acreditam possuir e força uma readaptação às condições impostas pelo ambiente. Um dos objetivos primários da História Ambiental é dar conta das interações entre os seres humanos e o ambiente em que estão inseridos, à medida que o desastre

---

<sup>8</sup> Cuidados com Alimentos, (30 de novembro de 2008).

<sup>9</sup> Cidasc e proprietários enterram gado morto nas cheias, (30 de novembro de 2008).

<sup>10</sup> A supra-naturalidade é entendida como a superioridade dos seres humanos frente o mundo natural, como se a experiência humana no planeta tivesse se desenvolvido sem a interação e limitação com a natureza (WORSTER, 1991).

<sup>11</sup> Vice-governador instala gabinete de urgência em Itajaí (29 de novembro de 2008).

redireciona o olhar para essa gama de relações, possibilita a percepção das conexões, sempre presentes, entre homem/natureza.

A espetacularização do desastre é produzida na busca pela relação do acontecimento com uma noção de espetáculo já difundida na sociedade (DEBORD, 1997). A busca pelo espalhafatoso emerge em um cenário de constantes embates pelo direcionamento da opinião pública. Neste contexto as notícias produzidas iam ao encontro de uma midiática que era alimentada pelo espetáculo do desastre. Como demonstram as matérias que vinculavam personalidades famosas à doação de dinheiro e mantimentos para as vítimas do desastre.<sup>12</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As breves observações levantadas neste artigo permitem estabelecer algumas conclusões sobre o caráter geral dos desastres ambientais e sobre as especificidades dos eventos catastróficos de novembro de 2008 no Vale do rio Itajaí.

Em primeiro lugar, pode-se reafirmar que tais eventos não se restringem a fatores naturais, mas referem-se intrinsecamente à atmosfera social sob a qual se desenrolam. São, portanto, processos sócio-ambientais, corolários de características ambientais problemáticas conjugadas à vulnerabilidade do próprio tecido social, não são fenômenos externos que eclodem como cataclismos sobre a sociedade, mas são resultantes das relações inadequadas entre a sociedade e a natureza.

Tais desastres interrompem uma suposta segurança estabelecida na atual sociedade, construindo um contexto em que o risco não pode ser considerado apenas como uma possibilidade, mas sob o qual a sua percepção social torna-se dolorosamente presente, principalmente entre as camadas menos favorecidas da sociedade atingida. Quando surpreendidas, já que despreparadas para tais acontecimentos, não compreendem antecipadamente a dimensão de tais riscos, devido ao discurso

---

<sup>12</sup> Rubinho doa uniforme para ajudar atingidos pelas chuvas em SC (30 de Novembro de 2008) e Jogador Ronaldo Nazário se reunirá com governador para entregar 30 toneladas de donativos na sexta (04 de Dezembro de 2008).

hegemônico desprovido de razões lógicas, tornando-se tão somente estatísticas que mal pontuam a vulnerabilidade de tal situação.

A organização social se reflete na intensidade dos desastres que lhe acometem, quando fenômenos naturais são ampliados pela disposição sócio-espacial, pela utilização economicamente dirigida dos recursos naturais e pela desinformação dos membros da sociedade quanto às possibilidades de sua ocorrência. Refletem, por consequência, a incapacidade dos atores sociais em lidar com situações consideradas como extraordinárias.

Desta forma, no presente estudo, cabe salientar que além dos óbices que incidem sobre a capacidade regenerativa do ambiente natural, a destruição foi desencadeada também pela inaptidão cognitiva da sociedade em identificar as causas e pela inépcia na formulação de políticas públicas que possibilitassem a previsão e preparação para conviver com os problemas, permitindo participação da sociedade organizada.

Destarte a sociedade do vale do Itajaí, em decorrência das experiências históricas dos últimos 150 anos, tenha acumulado efetivo embasamento sobre desastres ambientais e sobre as políticas para a gestão do problema, esses conhecimentos não são levados em consideração na formulação e na implementação de novas políticas públicas. As demandas governamentais acatam quase sempre o imperativo de reprodução dos setores mais influentes, assim como as tecnologias são desenvolvidas no sentido da exploração dos recursos naturais favorecendo estes setores em detrimento de ações políticas voltadas para sustentabilidade.

Os eventos aqui ressaltados foram intensamente focalizados pela imprensa nacional e internacional e direcionados de forma a apresentá-los como um espetáculo imprevisível, dentro dos padrões de racionalidade midiática imperantes.

De qualquer forma, os desastres sócio-ambientais podem propiciar à sociedade oportunidades de aprendizado, pois sua irrupção desconecta o funcionamento cotidiano das coletividades, fornecendo subsídios para repensar as suas relações e abolir de vez a dicotomia artificial entre sociedade e natureza.

## AGRADECIMENTOS

Este projeto conta com o apoio financeiro PRODOC/CAPES e CNPq.

## **Referências Bibliográficas**

ALIER, Joan Martínes. **O ecologismo dos pobres**. São Paulo: Conexto, 2007.

BECK, Ulrich. **Sociedade de Risco – rumo a uma outra modernidade**. São Paulo: Editora 34, 2010.

CASTRO, Cleber Marques de; PEIXOTO, Maria Naíse de Oliveira; RIO, Gisela Aquino Pires do. Riscos Ambientais e Geografia: Conceituações, Abordagens e Escalas. **Anuário do Instituto de Geociências - UFRJ**. 28-2 / 2005 p. 11-30.

CLAVAL, Paul. **Espaço e poder**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

DEBORD, Guy. **A sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro, Contraponto, 1997.

FRANK, Beate e SEVEGNANI, Lucia, orgs., **Desastres de 2008 no Vale do Itajaí – água, gente e política**. Blumenau: Agência de Água do Vale do Itajaí, 2009.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2003.

LEACH, E. Natureza/Cultura. In: \_\_\_\_ **Enciclopédia Einaudi**. Porto: Einaudi, 1984. Vol.5. Anthropos-Homen. P.67-101.

MARCELINO, E.V. NUNES, L. H.; KOBİYAMA, M. Mapeamento de Risco de Desastres Naturais do Estado de Santa Catarina. **Caminhos de Geografia**. 8 (17) fev/2006. p. 72 – 84.

MENEZES, Ulpiano Bezerra de. Identidade Cultural e arqueologia. In: **Cultura Brasileira - Temas e situações** organização de Alfredo Bosi, São Paulo, Série Princípios, Ática 1987.

SANTOS, Milton. **A redescoberta da Natureza**. Sítio Estudos Avançados, janeiro/abril de 1992. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141992000100007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141992000100007)

\_\_\_\_\_. **A Natureza do Espaço – técnica/tempo - razão/emoção**. 4<sup>a</sup> ed. São Paulo, Edusp, 2006.

Sítio da Defesa Civil: [www.desastre.sc.gov.br](http://www.desastre.sc.gov.br).

VEYRET, Yvette. Os riscos – o homem como agressor e vítima do meio ambiente. São Paulo: Contexto, 2007.

WORSTER, D. Para Fazer História Ambiental. In.: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol.4, n.8, 1991. p.1-17.